

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SOLVEIG NORDLUND – UM PERCURSO SINGULAR
29 de Junho de 2022**

FINE BOYS / 1989

Um filme de Solveig Nordlund

Realização: Solveig Nordlund / Fotografia: Thomas Frantzen e Michael Klimason

Cópia: Digital, colorida, falada em sueco com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 50 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

**BERGTAGEN / 1994
("Entrever a Luz")**

Um filme de Solveig Nordlund

Realização: Solveig Nordlund / Fotografia: Lisa Hagstrand

Cópia: Digital, colorida, falada em sueco com legendagem electrónica em português / Duração: 8 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

**EN OTROLIG SEMESTER / 1994
("Umas Férias Fantásticas")**

Um filme de Solveig Nordlund

Realização: Solveig Nordlund / Argumento: Solveig Nordlund, baseado numa história de J.G. Ballard.

Cópia: Digital, colorida, falada em sueco com legendagem electrónica em português / Duração: 9 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Fine Boys é o mais longo deste conjunto de três filmes feitos por Solveig Nordlund para a televisão sueca entre o final dos anos 1980 e meados dos anos 1990. Também é o que tem uma estrutura e uma respiração mais próximas do documentário no sentido clássico do termo. E também é, já agora, uma espécie de "resumo" da década em que foi feito, esses estranhíssimos anos 80 em que os ventos da economia política vindos da América de Reagan se fizeram soprar também sobre a Europa e criaram, entre outras coisas, a ideia de que o sucesso material (quer dizer, o enriquecimento) era uma questão de vontade, determinação e superioridade mental sobre todos os que não tinham essa vontade nem essa determinação. A banda sonora do filme usa bastante uma célebre canção daquela década (*Money for Nothing*, dos Dire Straits), que por sua vez exprimia não apenas a "facilidade" com que o dinheiro podia aparecer ("dinheiro que não custava nada") mas

também a inutilidade da acumulação desse dinheiro em mãos que depois não tinham nada de realmente útil ou produtivo para fazer com ele (e era, portanto, “dinheiro para nada”). É um pouco isto, no fundo, o comentário subjacente a **Fine Boys**, que segue as aventuras de candidatos a modelos (masculinos) que se mudam de Estocolmo para Itália à procura de uma carreira no “coração da moda” mundial, e cujas “reflexões” o filme acompanha. Mas, com o recuo temporal de mais de trinta anos, **Fine Boys** tornou-se primordialmente um filme sobre a dimensão mais palerma e superficial dos anos 80 – o dinheiro, as aparências, a masculinidade desenfreada, o deslumbramento tolo perante todas estas coisas.

Mais dramático é **Bergtagen**, que de certa forma, sociologicamente, lida com o “aftermath” de coisas que vimos no primeiro filme. Uma sucessão de belos – belíssimos – planos de apontamentos arquitectónicos da cidade de Estocolmo, enquanto a banda de som (vimos o filme sem tradução para português ou outra língua) deixa ouvir o que parecem ser comunicações policiais ou dos serviços de emergência. E a certa altura, por entre o brilho indiferente dos edifícios ou das ruas, surge o espectáculo da miséria que esse brilho esconde entre as suas vielas: uma multidão de sem-abrigo, muitos deles toxicodependentes, um rasto de ruínas humanas que contrasta com a “modernidade” urbanística em que surge enquadrada. Contrasta, ou faz parte dela?...

E de algum modo, volta a aparecer no terceiro título da sessão, uma breve adaptação de um conto de J.G. Ballard (autor da especial predilecção de Solveig Nordlund, que anos mais tarde filmaria, com produção portuguesa, **Aparelho Voador a Baixa Altitude**). Mas a adaptação nada tem de convencional, passa-se essencialmente na narração “off” (a que mais uma vez não pudemos aceder numa língua entendível por nós), assim como o som trás, no genérico inicial, outra canção ironicamente “comentadora” (*This Must Be the Place*, dos Talking Heads). É uma história “turística” (um casal em férias nas Canárias), mas o que vemos é oposto de umas férias nas Canárias: imagens urbanas ou suburbanas filmadas no Reino Unido, estradas e aeroportos, ambientes operários e fabris, mais miséria “homeless” e “junkie”.

Luís Miguel Oliveira